

COMUNICAÇÃO

Helena Rebelo
Universidade da Madeira

Os elementos do binómio que integram o título do presente Colóquio - "Permanência" e "Errância" - constituem dois pólos antagónicos que, por isso mesmo, se situam nos antípodas um do outro, parecendo que nada os pode aproximar, nada os pode interligar, nada os pode correlacionar. Prefiguram, portanto, dois extremos inconciliáveis, sendo, por um lado, e por definição, "permanência" a falta de movimento, o imobilismo, a principal característica de quem não sai do sítio onde se encontra ou fica onde está, depois de ter viajado. Por outro lado, a "errância" implica movimento, deslocação sem rumo e ao acaso. A dicotomia contrapõe, assim, estes dois elementos, aparentemente, irreconciliáveis.

Porém, há uma palavra que une os dois extremos, estes dois elementos contrários, e põe fim à dicotomia, sintetizando a oposição errância/permanência ou permanência/errância. Trata-se de um lexema atestado, segundo afirma José Pedro Machado, no seu Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, desde 1377 e que, praticamente, caiu em desuso, nos finais do século XX, já que alguns dicionários de língua portuguesa, contemporâneos, o excluem das suas entradas, ignorando-o por completo.

Múltiplas seriam as obras que poderia citar para uma delimitação da significação deste lexema, por exemplo, um conto de João Lopes Filho que o próprio autor, aqui presente, gentilmente, me indicou ainda ontem. Contudo, pretendo apenas abordar, e de forma sintética, duas obras: uma do século XIX, a farpa XXI de Uma Campanha Alegre¹, da autoria de Eça de Queirós, e outra do século XX, o romance Torna-viagem² do escritor madeirense, Horácio Bento de Gouveia, porque ambas se reportam, directa e indirectamente, ao lexema: "torna-viagem" que, no meu entender, sintetiza e reconcilia a errância e a permanência.

Eça de Queirós, na farpa referida, descreve a figura grosseira e ridícula do brasileiro, operando a distinção entre o "brasileiro" (o português pobre e provinciano que partiu para o Brasil onde trabalhou incansavelmente para regressar rico a Portugal) e o "brasílico" (aquele que nasceu no Brasil). A crítica mordaz do autor ataca, vigorosamente, o português ou, melhor dizendo, o lisboeta, que, hipócrita, escarnece do emigrante que regressou à terra que o viu nascer, depois de ter passado momentos de dificuldade económica, de grande privação,

¹ Eça de Queiroz - Uma Campanha Alegre, Lello & Irmão - editores

² Horácio Bento de Gouveia - Torna-viagem, Editorial Correio da Madeira

de penúria extrema. O lisboeta troça do brasileiro, mas vive à custa da riqueza amealhada com muitíssimo esforço e árdua faina. Para Eça de Queirós, o brasileiro é identificado como torna-viagem - aliás, o escritor apresenta estes termos como sinónimos. Pretendo, por isso, recorrer a esta farpa, dando-lhe o relevo que merece, no âmbito da temática "permanência" e "errância", pelo uso que faz do conceito "torna-viagem".

Ora, sucede exactamente o mesmo com o romance intitulado Torna-viagem de Horácio Bento de Gouveia. Este escritor dedicou-se à narração, em alternância, da experiência vivida por várias personagens patricias que partiram, no século XX, juntamente com alguns compatriotas continentais, para as Américas, preferindo-as aos países europeus do pós-guerra. As personagens partiram da povoação da Achada do Castanheiro, na costa norte da Madeira, de onde nunca tinham saído, para o Brasil e/ou a Venezuela, à aventura, errando de terra em terra, até encontrar o sítio e o negócio certos para fazerem fortuna e poderem voltar. Foram, como para o brasileiro descrito por Eça de Queirós, razões económicas que motivaram as personagens a partir. Fizeram-no a fim de melhorar as condições de vida precárias em que viviam.

Através destes autores que pouco ou nada têm em comum, mas que usam o lexema: "torna-viagem", procuro, primeiro, averiguar o modo como o empregam: Eça, na farpa, e Bento de Gouveia, no romance. Pretendo, posteriormente, saber se "torna-viagem" possui a mesma acepção para ambos ou se, pelo contrário, o lexema "torna-viagem" é concebido pelos dois escritores numa perspectiva distinta.

Portanto, quanto ao emprego do lexema, os dois escritores usam-no uma única vez no corpo do texto, o que facilita o levantamento dos trechos contextuais onde se inscrevem. Na farpa (página 375), escreve Eça de Queirós:

"De facto, o pobre *brasileiro*, o rico torna-viagem, é hoje, para nós, o grande provedor do nosso riso."

É significativo o valor dos adjectivos "pobre" e "rico" associados a "brasileiro" e "torna-viagem". Efectivamente, o brasileiro partiu pobre e viveu pobre no país para onde emigrou para regressar rico.

No romance, além do título - "torna-viagem" - (página 134) registei a seguinte ocorrência do lexema:

"Ganhava-se dinheiro mas assujeita-se o intruso aos azares da sorte. E a família Freitas do Campanário prosseguia desenvolvendo o seu comércio, continuando com a carniçaria a esteira do seu patricio, conhecendo as caras dos fregueses, os olhos postos nos milhões de bolívares para a torna-viagem."

Como na citação da farpa, neste trecho, encontram-se expostas as razões económicas que levaram o emigrante a deixar a sua terra. Neste caso, a família, oriunda do Campanário, pequena localidade rural, está apenas preocupada em ganhar "dinheiro" - os "milhões de bolívares" - para poder voltar e ficar no país de origem.

Assim, três ocorrências se destacam: em Eça, "o torna-viagem" e, em Bento de Gouveia, "Torna-viagem" e "a torna-viagem". Sobressai, portanto, o uso distinto do artigo: masculino, na farpa, e feminino, no romance cujo título omite qualquer artigo; jogando com a possibilidade de ser entendido das duas formas. Analisando estas ocorrências é-me possível afirmar que "torna-viagem" é um lexema composto por justaposição de uma forma verbal conjugada (verbo tornar) e de um substantivo feminino (viagem). Se o primeiro elemento da justaposição (torna) aponta para a falta de movimento, melhor dizendo, o fim do movimento que se encontra eminente - a permanência; o segundo elemento da justaposição (viagem) representa o movimento em si mesmo, a própria errância, sendo a viagem a deslocação por excelência. A justaposição foi o meio linguístico que permitiu registar, representar graficamente, a síntese dos dois conceitos antagónicos, inicialmente concebidos como pólos completamente opostos, mas, agora, reconciliados, interligados, unidos por um hífen: a permanência levou à errância (na farpa, o torna-viagem é o transmontano que emigra e, no romance, é o madeirense que parte para o Brasil ou a Venezuela) ou a errância que leva, de seguida, à permanência (na farpa, o brasileiro regressa do Brasil para se fixar em Lisboa e, no romance, o madeirense regressa do Brasil ou da Venezuela para permanecer no Funchal ou voltar à Achada do Castanheiro).

Embora me pareça ser possível, pela farpa e pelo romance, definir o conceito de "torna-viagem" como síntese da Permanência/Errância e da Errância/Permanência, é, contudo, indispensável, averiguar qual o significado de "torna-viagem". De acordo com os mais variados dicionários e enciclopédias³ existentes no mercado português, é-me possível assinalar mais do que uma acepção para "torna-viagem". A nível de categoria morfológica, registei dois géneros, já presentes em Eça (o masculino) e Bento de Gouveia (o feminino). A nível de definições, há uma grande repetição. Não as enumero a todas, apenas apresento as acepções que têm interesse para a compreensão dos pontos de vista dos escritores em causa. "Torna-viagem" é, portanto, assim definido enquanto:

1- Substantivo feminino (como na citação do romance)

- 1.1- "volta de uma viagem por mar", "regresso" ou "pessoa ou coisa que sai de um país para outro e volta ao país de origem"
- 1.2- "refugo; resto; coisa sem valor, sem importância"
- 1.3- "Devolução; reenvio"
- 1.4- "géneros de torna-viagem, aqueles que, preparados para consumo numa longa viagem, voltam intactos ao porto donde partiram"

³ Para citar alguns Dicionários: Porto Editora, Cândido de Figueiredo Dicionário Universal, Lello Universal - Dicionário Enciclopédico Luso-Brasileiro, Lexilello - Novo Dicionário de Língua Portuguesa e Enciclopédias: Encyclopedia Portuguesa Illustrada, Enciclopédia Larousse, Grande Dicionário da Língua Portuguesa (Confluência), Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira.

2- Substantivo masculino (como na farpa)

2.1- "Aquele que regressou do Brasil e da África com poucos haveres" ou "sem fortuna"

2.2- "brasileiro torna-viagem".

É curiosa a coincidência, a similitude quase perfeita, das definições propostas pelos dicionários e enciclopédias que associam frequentemente "torna-viagem" a "brasileiro" como o faz Eça de Queirós. Das definições, destaco os elementos recorrentes que têm algum interesse para a delimitação do conceito de "torna-viagem", nos autores aqui mencionados. - "regresso", "viagem por mar", "pessoa que sai de um país para outro e volta ao país de origem" e "Aquele que regressou do Brasil (...) com poucos haveres" ou "sem fortuna" - e constato que muitos destes elementos não subsistem, nem em Eça de Queirós, nem em Bento de Gouveia. É o caso de "viagem por mar" (há também viagens de avião) e "do Brasil" (ou da Venezuela) e "com poucos haveres" ou "sem fortuna" (os torna-viagens, contudo, também podem regressar ricos).

Atendendo às propostas dos dicionários e das enciclopédias, posso dizer que Eça de Queirós e Horácio Bento de Gouveia partem de uma base comum para alargar cada um a seu modo e de acordo com o seu contexto socio-económico o âmbito da significação do lexema, o que provoca um certo afastamento do conceito de "torna-viagem" proposto pelas acepções registadas. Assim, noto que Horácio Bento de Gouveia alargou, amplamente, o conceito de base de "torna-viagem", que já Eça de Queirós tinha modificado.

Portanto, os dois escritores não têm a mesma concepção de "torna-viagem". Para Eça de Queirós, o "torna-viagem" é o "brasileiro", isto é, o português, pobre, provinciano, transmontano, que partiu para o Brasil fazer fortuna. Para Horácio Bento de Gouveia, é o madeirense pobre do norte que partiu para o Brasil, a Venezuela ou ainda o emigrante que passou pelos dois países de fortuna.

Para Eça de Queirós, o torna-viagem é rico porque enriqueceu à custa de muito esforço e trabalho desgastante. Para Horácio Bento de Gouveia, pode ser rico (aquele que fez fortuna por conseguir amealhar) ou pobre (aquele que, por ser mulherengo ou dilapidar o dinheiro que ganha no jogo e na bebida, perde o que vai ganhando).

Para Eça de Queirós, o torna-viagem é um tipo social, optando por considerar as características comuns ao tipo - mau gosto quer no trajar, quer em tudo quanto faz. Para Horácio Bento de Gouveia, o que regressa rico subiu na vida e adquiriu juntamente com a riqueza uma posição social e o bom gosto que a posição exige.

Para Eça de Queirós, a expressão linguística do torna-viagem evoluiu negativamente já que traz marcas do país onde esteve. Para Horácio Bento de Gouveia, o registo linguístico foi-se enriquecendo, essencialmente para aquele que regressa rico.

Para Eça de Queirós, o torna-viagem fez as viagens de ida e volta de barco. Para Horácio Bento de Gouveia, a ida foi

de barco e o regresso de avião. Esta diferença é evidentemente suscitada pelo contexto socio-económico dos autores, mas não deixa de constituir uma diferença.

Para Eça de Queirós, o torna-viagem é uma figura ridícula, propícia ao escárnio e à troça. Para Horácio Bento de Gouveia é uma figura de respeito porque ousou desafiar o próprio destino, indo contra a corrente, como sugere o autor quando faz referência à água da ribeira que corre, inevitavelmente, em direcção ao mar.

Em síntese, além do conceito ser muito mais alargado em Horácio Bento de Gouveia do que em Eça de Queirós, as divergências assinaladas nestes autores ultrapassam as definições propostas pelos dicionários e enciclopédias. Porém, há pontos de contacto entre eles.

Tanto para Eça de Queirós como para Horácio Bento de Gouveia, o objectivo principal do "torna-viagem" é enriquecer e o secundário é mostrar a riqueza conseguida, sobretudo pela construção de uma casa original, grande e cómoda. Por um lado, na permanência, é, para ambos, pobre porque proveniente de uma zona rural (quer seja Trás-os-montes ou o norte da Madeira) onde a vida diária não permite melhorar as condições de vida de quem nela nasce. Por outro lado, em ambos os escritores, o torna-viagem sonha ser rico, optando pela errância.

O "torna-viagem" é, assim, o errante que regressa para permanecer.